

# “Posso parar o Senado”, ...

por Eliane Cantanhêde  
de Salvador  
(Continuação da 1ª página)

Segundo o IBOPE, ele tem em torno de 60% dos votos, disputando com os também ex-governadores Iris Rezende, de Goiás; Roberto Requião, do Paraná; e Wilson Kleinübing, de Santa Catarina.

Mais da metade da vida política de Antônio Carlos Magalhães foi no Executivo. Governador três vezes, ex-presidente da Eletrobrás e ex-ministro das Comunicações do governo José Sarney, seu último mandato legislativo terminou em 1970, ou seja, há 24 anos. A volta está programada, e sonhada, para marcar época no Congresso.

“Todos sabem que sou homem para parar o Senado, se não atenderem às justas reivindicações do povo da Bahia e desta região”, comprometeu-se na semana passada, durante o início para 4 mil pessoas em Itapetinga, rico município agropecuário de 25 mil eleitores. “Se eu for eleito, é claro que vou ajudar o governo de Fernando Henrique no que for preciso, mas meu compromisso maior é com o meu estado”, deixou claríssimo. Pode parecer pura retórica de campanha, mas em se tratando de ACM, não custa registrar.

## Volta programada e sonhada para marcar época no Congresso

Além dessa declaração pública de princípios, o futuro senador baiano já coleciona também algumas idéias inovadoras (ou seriam extravagantes)? para sua volta a Brasília. Mas essas ele não conta. No voo entre Salvador e Itapetinga, no jati-

nho King-Air que usa na campanha, ele só adiantou para este jornal que algumas categorias profissionais podem não gostar nada, nada, de algumas dessas idéias. E os próprios senadores podem se assustar com outras.

## “Todos sabem que sou homem para parar o Senado”

“Não quero exercer cargo algum no governo Fernando Henrique, e ele sabe disso”, garantiu Antônio Carlos na conversa. “Depois de ter recuperado a Bahia, minha intenção é voltar ao Legislativo para fazer a mesma coisa: combater o corporativismo, os favorecimentos, os desmandos e desperdícios de toda ordem”, acrescentou. A tudo isso, chama de “imoralidades” — uma palavra muito comum em suas entrevistas.

Ele tem especial prazer em citar os feitos econômicos de seu governo no estado: a Bahia, por exemplo, foi o primeiro estado a fazer a rolagem de sua dívida e se tornar adimplente, interna e internacionalmente; reduziu os gastos de pessoal a 60% da receita; e ainda investiu cerca de US\$ 1 bilhão em obras, US\$ 300 milhões dos quais para saneamento básico e água para o semi-árido.

Mas ele não deixa de falar de seus programas em Educação. Apesar de o PFL ter feito sucessivas gestões desastrosas no Ministério da Educação, na Bahia ele conseguiu recuperar 2.200 escolas, recuperar ou construir 14 mil salas de aula e aumentar as matrículas de primeiro grau de 1 milhão para em torno de 1,8 milhão.

“O Antônio Carlos está numa fase realmente fan-

tástica, como eu mesmo nunca tinha visto”, atesta o deputado Benito Gama, candidato à reeleição e “carlista” de primeira hora. “Claro. Eles têm o governo federal, estadual, a maior parte das prefeituras, toda a estrutura econômica e toda a mídia”, devolve o candidato do PSDB dissidente ao governo, Jutahy Magalhães Junior, terceiro nas pesquisas. “Aqui é o Davi contra o Goliath”, acrescenta o candidato tucano dissidente ao Senado, Waldir Pires.

Antônio Carlos é um “expert” em descobrir jovens talentos técnicos, para mais tarde projetá-los na política. O principal exemplo é o candidato Paulo Souto, seu ex-secretário de Minas e Energia e depois de Indústria, Comércio e Turismo, que participa de sua primeira eleição — e logo para o governo. Mas a lista comporta os deputados Benito Gama, José Carlos Aleluia, Eraldo Tinoco, Manoel Castro e Waldeck Ornellas, candidato ao Senado. E até o ex-prefeito Mário Kertesz, sem mandato.

## “Não quero cargo algum no governo de Fernando Henrique Cardoso”

O respeito de ACM por jovens promissores atravessou as fronteiras da Bahia pelo menos uma vez: um dos políticos de que mais gosta, e com quem conversa frequentemente, é o ex-governador do Ceará e atual ministro da Fazenda, Ciro Gomes, de 36 anos. “Somos amigos”, diz Antônio Carlos. “Na Sudene, um falava o que o outro já estava pensando. A gente nem precisava acertar nada antes”, diz, admitindo que de fato foi um dos primeiros a saber, pelo próprio Ciro, de

sua indicação como substituto de Rubens Ricupero.

Estrategista pragmático, às vezes explosivo na ação, Antônio Carlos Magalhães sempre soube manter sob controle seus votos baianos, enquanto marcava presença no cenário político nacional. Foi assim, por exemplo, quando Juscelino Kubitschek se elegeu presidente pelo PSD, mas logo se tornou interlocutor frequente, quase confidente, do então jovem deputado baiano da adversária UDN. Foi assim, também, quando assumiu a dianteira na defesa da chamada “Revolução de 1964” e mereceu reverências de todos os sucessivos presidentes-generais. Ou, ao contrário, quando ajudou a botar a pá de cal no regime militar, rompendo espetacularmente com o presidente João Figueiredo para apoiar o primeiro presidente civil em vinte anos, Tancredo Neves.

Curiosamente, Antônio Carlos tem tido uma trajetória partidária linear, num país em que trocar de partido e de ideologia parece tão fácil quanto mudar de endereço. Foi da UDN, da Arena, do PDS, e dali rumou para o PFL, contra Paulo Maluf e a favor de Tancredo Neves, de onde nunca mais saiu.

Essa coerência partidária tem uma boa explicação no próprio quadro político baiano. Afinal, aqui a sigla “ACM” vale mais do que a de qualquer partido. E é ela que está em jogo, tentando manter o ritmo eleitoral que tirou Paulo Souto de 3% das pesquisas em maio e o trouxe para 34% na semana passada. Se chegar aos 35% — 1% a mais do que seus adversários somados — leva a eleição no primeiro turno. Do contrário, que se prepare para enfrentar a união de todas as forças de oposição. Se houver segundo turno, a briga vai se acirrar na Bahia. Muito mais do que em qualquer outro estado do País.



Antônio Carlos Magalhães

## “Posso parar o Senado” diz ACM

por Eliane Cantanhêde  
de Salvador

Esta semana será decisiva para as eleições na Bahia, onde falta apenas 1% dos votos, segundo o IBOPE, para que o candidato do PFL ao governo, Paulo Souto, garanta a vitória ainda no primeiro turno.

O ex-governador Antônio Carlos Magalhães (ACM), patrocinador da candidatura de Souto e político “hors-concours”, assumiu o desafio de tirar essa diferença até sexta-feira. E quem conhece ACM — por ouvir falar ou já ter sofrido na pele — diz que quando ele mete uma coisa na cabeça os adversários que se cuidem.

De Norte a Sul do País, as eleições seguem a mesma polarização entre os dois candidatos principais que é registrada na disputa presidencial. Na Bahia, entretanto, tudo parece sempre um pouco diferente, como o azeite de dendê. Polarização há, mas entre Antônio Carlos e todo o resto: esquerda, neo-esquerda, direita e centro. O lema é “um contra todos contra um”. E o sexto estado da Federação, com US\$ 23 bilhões de PIB e 7 milhões de eleitores, prossegue nitidamente dividido entre “carlistas” e “não-carlistas”.

Aos 67 anos, bom de garfo, de papo e de mando, Antônio Carlos completará quarenta anos de carreira política justamente em 3 de outubro (as eleições eram também nesse dia, em 1954, quando se elegeu deputado estadual pela primeira vez, representando a antiga UDN). Espera comemorar em grande estilo, conferindo a vitória a Paulo Souto e conquistando o troféu de senador mais votado, proporcionalmente, destas eleições.